

Romance

A muralha

Dinah Silveira de Queiroz

69 instante

© 2020 Editora Instante

© 2020 Titular dos direitos autorais de Dinah Silveira de Queiroz

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Fabiana Medina**

Capa: **Fabiana Yoshikawa**

Ilustrações: **Joice Trujillo**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

1ª Edição: 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Queiroz, Dinah Silveira de.

A muralha / Dinah Silveira de Queiroz. 1ª ed. — São Paulo:

Editora Instante: 2020.

A muralha foi adaptado para a TV brasileira como novela em 1954, 1958, 1961, 1968 e como minissérie em 2000.

ISBN 978-85-52994-23-7

1. Literatura brasileira 2. Literatura brasileira: romance

3. Literatura brasileira: romance histórico

I. Queiroz, Dinah Silveira de.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

2. Literatura brasileira : romance

3. Literatura brasileira : romance histórico

869.3

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

A *muralha* é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem e Monroe e impresso sobre papel Pólen Soft 80g/m² em Edições Loyola.

“Tudo o que acontece eu ponho neste livro. E, se não acontece, estando no livro é o mesmo que ter acontecido.”

Dom Braz Olinto

Sumário

Tesouros
escondidos 6

Primeira parte
Descoberta
da terra 10

Segunda parte
A Madama
do Anjo 146

Terceira parte
Canção de
Margarida 324

Sobre a autora 397

Sobre a concepção
da capa 400

Tesouros escondidos

A paixão é como aquelas sombras feitas com as mãos sobre a parede. Se você apaga a luz, as sombras desaparecem na hora.

Rosa Montero

Acabo de reler, pela quarta ou quinta vez, *A muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz, em meu antigo e precioso exemplar que estava na pilha dos “encadernar” com outros livros indispensáveis, marcadores das etapas na minha formação como mulher, educadora, ativista e, certamente, como escritora tardia. Não sou crítica nem teórica da literatura. Sou uma contadora de histórias, e aqui o que me ocorre fazer é contar como Dinah, sua família de escritores e sua *A muralha* povoaram minha cidade, as estantes de livros das casas onde cresci, minhas lembranças da infância e da juventude e como, com toda a certeza, ainda alimentam minha escrita. Os feitos dessa escritora e importante personagem de nossa história literária não me cabe contar, pois estão à disposição das pontas dos dedos de quem o quiser saber, nestes tempos de informação *just in time*.

Considerando o relativo esquecimento em que ultimamente caiu a obra dessa extraordinária e pioneira escritora, reconheço um “tesouro escondido” que trago na minha memória-imaginação.

Cada vez mais me dou conta do privilégio de ser “antiga” e de ter nascido e crescido em Santos, ao pé da muralha da Serra

do Mar. Quando ali brotei, em 1942, ainda não havia “paulistas quatrocentões” — categoria surgida no IV Centenário de São Paulo, em 1954. Não havia a moderna via Anchieta nem estradas que percorressem o litoral caiçara; nem antibióticos, nem a bomba de Hiroshima. Tampouco se pensava em televisão, e estava o porto de Santos submetido ao *blackout* em plena guerra. Só com quase três anos pude ver, maravilhada, nossa casa e a cidade iluminarem-se com luz elétrica durante a noite, depois que o sol se escondera por trás da Serra. São Paulo, porém, já era “a cidade que mais cresce no mundo” — ali tínhamos parentes a visitar ou dependíamos dos aviões de Congonhas para chegar à casa dos avós maternos mineiros —, e para lá subíamos, de automóvel, pelo antigo Caminho do Mar, a “estrada velha” sem túneis nem viadutos, beirando despenhadeiros, tantas vezes mergulhada na neblina, calçada a pedras e tão íngreme que era preciso levar galões de água ou conseguir chegar à única bica do caminho para esfriar os motores, que, subindo em marcha reduzida, retardada por carroças puxadas a mulas, ferviam a meio do caminho. Ou, então, a maravilha e a emoção da subida pela estrada de ferro, também tão íngreme que não havia locomotiva que pudesse arrastar os vagões mata adentro e Serra acima, ficando esse trabalho por conta de um sistema de cremalheiras engatadas aos vagões, que só seriam religados às marias-fumaças no início do planalto. Ainda era aventureasca e inesquecível a subida da Serra-Muralha do Mar!

Lembro-me bem de uma polêmica que ouvia por volta do IV Centenário, xereta que sempre fui, escutando as conversas dos adultos. Havia os que diziam: “Não é qualquer um que tem a honra de ser ‘paulista quatrocentão’”, e a resposta voltava muitas vezes contraditória: “Pois devia era ter vergonha de descender daqueles bandidos, matadores de índios!”.

Alguns anos antes, meu pai tinha achado, dentro de um livro, duas páginas de papel, emendadas uma na outra, que alguém lhe dera quando nasci, contendo uma verdadeira ou fantasiosa árvore genealógica que ia de Maria Valéria, de geração em geração, até João Ramalho e Bartira. Mais de quatrocentos

anos! Lembrei-me disso e fiquei em dúvida sobre a questão: “Era honra ou vergonha ser quatrocentão?”. Fiz a pergunta diretamente a meu pai, e ele me respondeu que o mais importante a saber era o que eu queria fazer da minha vida dali por diante. Algum tempo depois, porém, ele me chegou com um exemplar da primeira edição de *A muralha* e me disse que lesse e resolvesse eu mesma se ser quatrocentão era bom ou não. Eu já tinha lido *Floradas na serra*, que me deixara muito comovida com a separação dos enamorados, recolhidos em Campos do Jordão para tentar curar-se da tuberculose, e levou meu pai médico a consolar-me, explicando que aquele sofrimento não aconteceria mais, porque já havia a penicilina, e tinha lido *Os caboclos*, de Valdomiro Silveira. Sabia de histórias da família dos Silveira, encontrava-os muitas vezes como amigos de minha família, também cheia de escritores. Louca por livros novos, agarrei-me com o romance e me recusei a largá-lo até chegar à última página e voltar a lê-lo bem mais devagar, com a dúvida persistindo na minha cabeça, mas com meus cinco sentidos aguçados pela viagem fantástica que eu fazia no tempo e no espaço — parte deste, a própria muralha da Serra, fácil de reconhecer e de embrenhar-me de novo por ela, com a imaginação-memória crendo ver tudo como o vira a moça Cristina do livro; outra parte, as Minas Gerais, eu também conhecia e reconhecia, e fiquei convencida de que, então, devia ser verdade tudo o que Dinah contava. Pude ver, eu acreditava, a verdadeira São Paulo de Piratininga e seus moradores de quatrocentos anos antes.

Vivi décadas sem televisão e nunca assisti a nenhuma das versões de *A muralha* na telinha! Sorte minha, digo eu hoje, pois o maior encanto do livro — desde a minha primeira leitura, que só fez crescer nas leituras seguintes e se confirma hoje — está na rica linguagem, que me soa ao mesmo tempo próxima e estranha, palavra por palavra, na maneira tão equilibrada e sedutora com que entremeia a descrição das pessoas, dos objetos, dos processos de trabalho, das ações, das paisagens — feita sempre do ponto de vista das personagens —, e no drama,

na comédia e na tragédia que se desenrolam dentro de cada uma das pessoas envolvidas e entre elas.

Impressiona-me ainda a sabedoria de Dinah, que nos revela como nossa percepção dos objetos, das paisagens e sobretudo dos outros e de nós mesmos — do mundo, enfim — é mutável, porosa, enigmática, quase sempre coberta de neblina como a Serra, porque sempre transformada pelo filtro dos sentimentos que tantas vezes irrompem ou morrem em nós sem que os possamos conter, compreender, distinguir claramente ou nomear, e por isso geram a poesia, a arte que nos salva. Talvez tenha sido *A muralha* — ao não me dar resposta segura à pergunta que desencadeara minha leitura — o ponto de virada para que eu compreendesse que é muito mais importante ter boas e constantes perguntas do que excessivas certezas.

Reli ainda *A muralha* depois de todos os outros livros de Dinah, quando estava, já no final dos anos 1980, mergulhada nas minhas pesquisas sobre a história das mulheres no período colonial brasileiro — que acabaram por gerar uma dissertação histórico-sociológica e meu romance mais recente —, e novamente me admirei da precisão e da abundância dos conhecimentos históricos da escritora numa época em que ainda não se podia contar com as vantagens das fotocópias e dos recursos digitais.

Enfim, nesta releitura mais recente, num momento da história no qual o patriarcalismo, em seus estertores, parece mais cruel tanto para as mulheres quanto para os homens, percebo e reafirmo a importância da obra de Dinah para que acreditemos na força da luta e da capacidade das mulheres e para que os varões tenham verdadeira compaixão de si mesmos e se aliem a nós para construir, agora, sim, um Novo Mundo, com a natureza e a humanidade enfim resgatadas dos desastres que nos acabrunham.

Maria Valéria Rezende, escritora

Fevereiro de 2020



Primeira parte

Descoberta da terra

Era como uma brecha ou ferida rasgando as árvores e as plantas, uma vila miserável que transbordava de gente. Ela via os casabres, o povo afluindo ao porto, o navio chegando à bacia de óleo, e punha sua vista naquele teatro com a firmeza do sacrifício que se entrega, cuidando no céu. Se Deus bem quisesse, daí a momentos iria conhecer Tiago, seu primo, seu prometido, a raposta que dera à vida pequenina de Lisboa. O olhar crescia na água, atravessando as lágrimas que não queriam cair. Havia um apagado de luz branca em torno da mancha vermelha e cinza de orlas verdes de São Vicente. Ali estava seu caminho, seu destino. “Sou como um inocente que entendesse seu próprio nascer.”

Junto de Cristina, anunciada por seu cheiro de sândalo, Joana Antônia, companheira da longa viagem, apareceu. Trocara as roupas simples. Trazia um vestido de adamascado escarlata, argolas de ouro e chapéu com uma pena frisada que o vento morno fazia viver. Hoje Joana Antônia estava decidida e cheia de coragem. Seus olhos cercados de tinta escura, como são os das mouras, luziam de bravata, e não de choro:

— A menina bem me pode dar seu adeus... Se bem me fio em mim mesma, não lhe ajuntei mal ou desgraça nesta enorme viagem...

— Adeus... — respondeu Cristina com súbita secura, sem voltar-se de lado. Parecia um retrato com fala e gesto quando mais disse: — Deus Nosso Senhor a acompanhe.

— Ai, quanto a isso, menina, Deus Nosso Senhor estará comigo, bem que não tenho dúvida. Ele é pessoa mais companheira e sem orgulho...

Chegava o capitão-mor. Nunca, como nesse momento, ele lhe pareceu um galo novo, passeando sua crista e seu esplendor em meio a outros apagados e servis emplumados. Era distinto, fino, engomado e lustroso como boneco de príncipe. O cabelo caía em ondas de mulher; a mão que o alisava para trás mostrava o grande anel de lápis-lazúli com seu escudo.

— Bom dia, senhora minha — disse ele a Cristina, passando junto de Joana Antônia, que se retirava, não a vendo nem a sentindo. — Se soubésseis o que é esta terra e estes endemoninhados sem lei nem rei, não gastaríeis aqui vossa gentil presença. — E, não esperando resposta, enquanto acenava para a terra, acreditando que já fosse visto: — Em outros tempos, os desesperos de amor e as mágoas de família se aquietavam nos conventos. Agora, toca a passear a mágoa por um mundo diferente.

Cristina sorria, deslindando as palavras com alegre afetação:

— Basta de tristeza. Espero não ter gastado todo o meu dinheiro em vão com tantos cobiçosos neste barco. E saiba Vossa Senhoria que vou ser feliz e que não venho esquecer-me, mas viver...

O capitão-mor continuava a acenar; depois, brusco, pondo na moça seus olhos azuis frios, a puxou pelo braço trememente, falando em cor de voz mais íntima:

— Cure-se a menina de ilusões. A pobreza arrogante desta terra! Os índios feios como judas, os brancos sujos, fanfarrões briguentos, os negros fazendo o que lhes ensinam, como monos. Os padres disputando com os brancos, mas lhes dizendo as missas. E as mulheres escondidas em casa como coelhos nas tocas, ignorantes e obstinadas.

E, enquanto cortejava a gente que já o podia distinguir com um aceno altaneiro:

— Vede bem esta miséria. De perto ainda é pior! Porque este povo cheira diferente... Se algum dia descoroçoar, contai com minha valia.

Cristina foi prendendo a mantilha, enrolando-a no pescoço:

— Com esta gente de que fala, não viverei eu. Há de ser com meu esposo, que tem meu próprio sangue e será um homem igual a meu irmão.

O capitão-mor balançou a cabeça, mirou Cristina de cima a baixo:

— Deus Nosso Senhor conserve a alegria da menina, e também sua beleza, em terrão tão sem galas. Adeus!

Cristina se viu, descida do bote, num atordoar de povo que a olhava como se ela viesse de outro mundo. Ela ficou a contar suas arcas, a vigiar os tripulantes que as traziam para a terra. Como reconheceria Tiago? Voltava-se depressa, em sustos, a cada instante. Mas o homem que podia ser seu noivo já a inquiria com jeito desaforado na face. Eram todos curiosos, e as suas coisas excitavam interesse geral. O moço que a acompanhava empurrou com o corpo, de lado, certa mulherinha escura, de duros cabelos, que passava a mão pelo seu vestido, como alguém encantado a alisar um bicho.

— Arreda! Arredem todos!

Nessa confusão se chegou uma figura estranha: um mestiço ruivo, de face sardenta e rosada, de olhos fendidos no rosto chato. Vestia roupa decente, calça de algodão, gibão de couro.

— Ei... Procuo a dona mandada pra meu senhor...

Cristina, embora em sua tonteira de emoção, quis ajudar. Seria o criado para levar Joana Antônia... E mostrou:

— Vai acolá. Espera ali à sombra...

Mas o criado a olhou, de lado, suspeito:

— Sou da Lagoa Serena. Meu senhor aqui me mandou pela dona de seu filho... Tiago, meu sinhozinho.

Cristina sentiu o sangue no rosto:

— Tiago não vem?

O mestiço olhou a moça, triunfante:

— Aimbé leva a dona dele!

Cristina viu dois homens quase despidos, escuros, de cabelos lisos e sem barba. Pareciam gêmeos.

— Gente boa. Gente da Lagoa Serena. Aimbé mesmo chamou eles pra meu senhor!

Os índios, com Aimbé, carregaram as arcas. Um homenzarrão barbudo e em farrapos puxou a mantilha de Cristina e riu, um riso de dentes pretos:

— Ai, a branquinha tão fresca!

Aimbé lhe cortou a explosão:

— É a sinhazinha pra Lagoa Serena!

O homem fechou a boca, deu um passo desajeitado para trás, fazendo o arremedo de uma escusa ou de um cumprimento. Ela arrepanhou firme a saia na mão e enfrentou a população formada de faces espantadas ou admirativas, ingênuas ou caçoístas. Desviou os olhos de uma mulher morena, só de saia, com os longos seios, bambos, expostos; deu com o braço no peito de um velho que ria divertido para ela, intrigado como se ela fosse um boneco de engonço. Uma ave, no ombro do velho, dava gritos terríveis, ofendida e solidária com seu amo, logo que este foi empurrado.

Cristina estava agora animada de heroísmo obscuro. Aceitava tudo, queria tudo aceitar com perfeita naturalidade, porque ao fim daquele fio de cenas e acontecimentos ela teria Tiago, o seu Tiago; tão bom, decerto, como seu irmão, e ainda mais belo. Exatamente como aparecia no medalhão que escondia sob o vestido.

Merendou nesse dia em casa limpa, de grande portal de pedra, de chão pisado. Uma bugra silenciosa serviu-lhe o pão de milho assado na brasa. Silvéria, a dona da casa, fez sentar Aimbé a seu lado, na mesa nua, coberta de pratos de barro. Aimbé havia sido mandado a comer na gamela dos criados e protestara. Não deixaria sua senhora só. Enorme sopeira de porcelana ficava no centro da mesa, como rainha de tudo. Mesmo tampada, deixava escapar uma respiração de fumaça. Era a honra e a glória da hospedagem. Por tantos pratos ali postos, parecia que Silvéria estava aguardando outras pessoas. Ela veio, cheirando a

forno, repinicando as largas cadeiras enroladas em pano branco, adejando a saia estampada de flores, e destampou a sopeira:

— Aí tem, menina, a nossa canjica. É o que há de melhor. Bem quente e tenra de se trincar.

Pôs no prato aquele caldo de carochos, que fumegava. A bugra veio, untado o cabelo de banha de galinha, uma cruz de prata pendendo do pescoço, cruz animada, que dançava, era toda a sua vida de autômato. Trouxe leite, deitou uma concha de açúcar. Em seguida apresentou a canela-da-índia. Cristina provou, sem entusiasmo, daquela brancura de canja. Era a primeira vez que comia em terra, e aquilo, decerto, seria manjar comum do povo com o qual iria conviver. Aimbé abriu um pouco os olhos difíceis, apertados. Fez gravemente a pergunta:

— Bom?

Cristina tomou mais uma colherada, como a certificar-se de seu gosto:

— Bom! Muito bom!

Aimbé riu, desafogado.

Mas eis que lá dentro, do longo corredor escuro que conduzia à cozinha aberta, rebentavam gritos, gritos humanos em algazarra, nasalados, em torrentes de palavras que não se entendiam. Aimbé se levantou, se precipitou, enveredou pelo corredor. E Silvéria, depois de instantes, veio a queixar-se com certa cerimônia, enquanto o alarido continuava:

— Menina, os seus criados não se comportam. Empurram os outros.

Cristina levantou-se. Posta fora de casa, no terreiro, estava uma enorme gamela, a mesma bacia cavada na madeira, onde, na sua quinta, iam comer os animais. Mas ali comiam homens! Além de seus dois índios, mais três escravos lá estavam: um negro e dois mestiços. Aimbé agora falava alto, zangado com os escravos da Lagoa Serena. Enquanto lhe respondiam eles, os três outros servos, curvos sobre a gamela, iam apanhando mancheias de um pirão amarelo e devorando sôfregos, como cães humanos, aquela comida.

Silvéria apontava os índios que vinham com Cristina:

— Eles se imaginam importantes, porque são homens da Lagoa Serena, e querem comer antes dos outros. Mas em minha casa gente de cozinha é toda de gamela igual. Os outros estavam famintos, porque vinham atrasados a buscar outra noiva que chegava no barco, e os pobres correram toda a manhã, como preás!

Cristina dirigiu-se, enérgica, a Aimbé e aos dois escravos:

— Parem com esta algazarra, que farei queixa quando chegar e terão seu castigo.

Aimbé fechou a boca, mas um dos índios disse, resmungando:

— A dona nhehen, nhehen, Aimbé nhehen, e a gente fica sem força na barriga pra carregar bagagem.

E o outro concordou quase chorando:

— Aqueles dois comem tudo!

Diante desse ato de insubordinação, Aimbé não se conteve. Como estivessem vergados, bem juntos, ele os apanhou de surpresa, as fortes mãos em garras, pelas nuças, fazendo estalar com força, como nozes em estrépito, uma cabeça na outra.

Seu tom róseo de pele se tornou rubro:

— Cachorros comem só resto — disse.

Os índios ficaram quietos, olhando como bichos amedrontados a entusiasmada comilança na gamela, e se arredaram, submissos.

Cristina estava assustada. O pior amo em sua terra não trataria assim o último servo.

— Quando estes acabarem, dê comida aos meus! — disse a Silvéria. — Quero que comam sozinhos.

— Volte a menina à sua canjica, que ela esfria, e fique sem cuidado. Tudo se fará conforme quer.

Aimbé acompanhou a moça.

— Não os castigues mais sem minha permissão. Não quero. Darei parte se me contrarias — disse ela.

Cristina se sentara à mesa. Tomava a sua canjica, mas esta já não lhe sabia bem. O mestiço, porém, pareceu não compreender seu constrangimento:

— Aimbé mesmo apanhou eles — disse, obstinado. — Aimbé castiga, quebra a cabeça deles. Meu senhor não zanga, acha até bom, porque eu trouxe essas coisas e também muitas outras do Sertão. A dona não sabe. Meu senhor não ralha nunca com Aimbé.

Mal Cristina terminava a merenda, e a casa de Silvéria era sacudida pela intempestiva chegada de Joana Antônia, ofegante, o chapéu de pluma a cair-lhe sobre um olho. Vinha acompanhada por um guarda de farda nova para o agrado do senhor capitão-mor. Ele a segurava por um braço:

— Já se há de ver se vosmecê tem marido ou companhia. Querer que arranje seguida e cavalos para São Paulo de Piratininga, sem dinheiro, dizendo que vai casar com um tal mestre Davidão...

Antes que Cristina tomasse parte na conversa, Joana Antônia reagiu:

— Pois, se tivésseis paciência, saberíeis que guardo dinheiro comigo e muito... o bastante até para comprar vosso precioso serviço e o de outros... Não quero burlar ninguém.

O homem estava irritado:

— Esta é uma terra de finórios, de estranhos que chegam sempre com uma rica ideia na cabeça, mas de bolsa vazia. E ao depois também sei muito bem das qualidades de quem trato. Lá no barco me disseram... E é preciso cautela. Se vosmecê fala comigo, me trate como a um branco, não como a um negro ou a um bugre.

— Ai, meu rico senhorzinho da guarda do senhor capitão-mor. Que linguagem quereis? Nem bispo sois, nem príncipe, bem se vê, malgrado essas meias novas, e a nova calça azul e esse chapéu também novo. Trazeis sapatos furados, não tivestes a fortuna de ganhar outros... Mas... que dizeis?

— Digo e repito a vosmecê que não quero que me tratem como negro ou bugre!

— E quem vos trata assim?

— Vosmecê. Não custa... discutir como... branco.

— Irra! Não entendo o que quereis, falo em boa língua. É o bastante.

Silvéria vinha da cozinha para dizer que os escravos de Cristina haviam terminado a refeição.

Joana Antônia se desembaraçou do guarda e se dirigiu a Silvéria:

— Já neste pouco tempo aprendi que aqui os bonitos vestidos como o meu custam bom dinheiro... Quase não existem. Quanto me daríeis por este? — E ela volteou nervosa para mostrar o efeito de sua saia de adamascado.

— Não tenho ouro para tanto... Mas... — E Silvéria se chegava fascinada. — Já recebi um, não tão bonito, de uma tia que se finou, e por testamento. Agora está velho e rasgado. Prometo... Eu prometo dar muito... à menina. Não ofereça a outra antes que lhe diga qual é a minha troca... Espere... Uma junta de bois... Mais um escravo... Não basta... não?

Joana Antônia sentou-se sobre o longo banco, rindo-se desafogada, fingindo ignorar Cristina. Olhou desafiadora para o guarda:

— Estou já mais rica do que vós... Deixai-me tratar de meus negócios em paz, que tenho tino.

Cristina saiu de seu silêncio:

— Ó da guarda, que trato quereis?

— Pois quem se estima diz Vossa Mercê... ou vosmecê, que é mais fácil... Não faz mal à língua dobrá-la uma vez por outra.

— Com todo o respeito a Vossa Mercê... ou a vosmecê, mas esta senhora veio comigo, e sei que diz a verdade.

Voltou-se, fria, para Joana Antônia:

— Seus criados... Os escravos de mestre Davidão estão lá fora.

— Quem disse tal coisa à menina? — perguntou Silvéria, de testa franzida.

— Pois serão, certamente, aqueles escravos que vieram buscar a noiva... Perdoai-me interferir em vosso bom negócio. Estão lá no terreiro, senhor guarda! Se vosmecê quiser, pode ir ver.

O guarda saiu para a cozinha.

— Graças pela ajuda — murmurou Joana Antônia, comovida.

— Faria por quem quer que fosse — disse Cristina, dando de ombros.

— Mas... o vestido? — Silvéria insistia, sabendo que não obteria outro igual. — Eu ainda posso juntar... algum... pouco... dinheiro.

Joana Antônia estava alegre, sem que a afetasse agora o desdém de Cristina:

— Que me perdoe a hospedeira... mas se me vieram mesmo buscar, eu guardo o vestido para alegria de meu noivo, o mestre Davidão... Pelo que vejo, me olharão com inveja muitas damas de São Paulo de Piratininga. Ah, bem sei que aqui já valho alguma coisa...